

PERSPECTIVAS DE DIÁLOGO NO ENCONTRO ENTRE ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS E INSTITUIÇÃO ACADÊMICA: O CONVÍVIO METODOLÓGICO.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de - UFSCar

STOTZ, Eduardo Navarro – FIOCRUZ

GT: Educação Popular/ nº 06

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

A busca do diálogo é descrita por BRANDÃO (2001) como parte da aventura da educação, sendo, este, não uma simples metodologia de trabalho mas “...o fim e o sentido de uma educação conscientizadora” (p.25). Uma busca, diz BRANDÃO, “difícil e inalcançável” (p.25). Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), nos descreve e explica sobre a educação libertadora e o diálogo. As reflexões à seguir, sobre diálogo e conscientização, inspiraram-se nos escritos de Paulo Freire presentes nesse livro e no livro *Conscientização* (1980).

O diálogo e sua essência, ou como diz Paulo Freire, o diálogo mesmo – a palavra, só é verdadeira enquanto práxis – reflexão-ação. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os seres humanos. A ação de que se fala é, portanto, de transformação. A transformação da realidade opressora, em que aos seres humanos é negada sua essência, sua historicidade, seu poder criativo. Opressão que anula o poder de criação, que estimula a ingenuidade e, não, a criticidade, que aliena a ignorância, que nega a historicidade. Um processo de desumanização gerando um ser-menos e distorcendo o ser-mais. Aos oprimidos, urge o direito de ser e aos opressores o de “ter”, inclusive o domínio do conhecimento.

No diálogo entre as visões de mundo – um processo, portanto, conjunto- há a construção da consciência crítica. Consciência de que existir humanamente é pronunciar o mundo e modificá-lo. Consciência histórica, implicando que os seres humanos assumam o “ papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo” (FREIRE, 1980, p. 26). O diálogo se dá no encontro entre seres humanos que pronunciam o mundo e o re-pronunciam após problematizá-lo, um ato de criação e recriação. Mesmo quando a realidade é de tal modo opressora, que o diálogo – e a práxis, ação consciente sobre a realidade- torna-se impraticável, podemos dialogar sobre a ausência do diálogo.

E como se dá essa prática dialógica? Emergindo da realidade para nela inserir-se criticamente. Afastar-se e ao mesmo tempo tomar posse da realidade. Desmitologiza-la. Distanciar-se para melhor admirar e, assim, poder agir conscientemente sobre a realidade objetiva. Conscientização que significa passar “...da espera espontânea de apreensão da realidade para chegarmos à esfera crítica, na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica [...] A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade.” (FREIRE, 1980, p. 26). Não consiste em estar frente à realidade, mas nela estar, na práxis. Compreendê-la. Denunciá-la. Mas também, anunciar. O ato de “ denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante” (FREIRE, 1980, p. 27).

A “nova” realidade, a realidade desmitologizada, deve tornar-se objeto de uma nova reflexão crítica. “Considerar a nova realidade como algo que não possa ser tocado representa uma atitude tão

ingênua como afirmar que a antiga realidade é intocável” (FREIRE, 1980, p. 27). Assim, a conscientização, como atitude crítica dos seres humanos na história, não terminará jamais. Entendemos, aqui, o que Brandão quis dizer com “inalcançável”, uma busca que não se encerra, mesmo quando o diálogo já acontece.

Diante desse universo em contradição, seres humanos tomam posições contraditórias: alguns trabalham na manutenção das estruturas desumanizantes, outros em sua mudança. Nesta segunda direção, vêm trabalhando as pessoas envolvidas com a Educação Popular. Experiências de educação popular vêm sendo feitas nas áreas da Educação, da Saúde, entre outras. Na Saúde, a participação de profissionais, particularmente nos anos 70, é apontada por VASCONCELOS (2001a) como o marco de uma ruptura destes com a tradição autoritária e normatizadora da Educação em Saúde, cuja “..racionalidade interna reforça e recria, no nível das suas microrrelações, as estruturas de dominação da sociedade” (p.13).

Na Saúde, o diálogo crítico e criativo sobre a vida e o mundo se dá por intermédio do corpo e da saúde e as dimensões coletivas dos problemas de saúde são incorporadas (VASCONCELOS, 2001a). Grande parte das experiências de educação popular e saúde estão hoje voltadas para a “...superação do fosso cultural existente entre os serviços de saúde, as organizações não-governamentais, o saber médico e mesmo as entidades representativas dos movimentos sociais, de um lado e, de outro lado, a dinâmica de adoecimento e de cura do mundo popular” (VASCONCELOS, 2001a, p.16). No livro “A saúde nas palavras e nos gestos”, organizado por Eymard Vasconcelos, membros da Rede de Educação Popular e Saúde apresentam suas experiências e reflexões a partir do trabalho realizado em conjunto com grupos de diferentes comunidades (VASCONCELOS, 2001b). Os autores relatam que nessas experiências, articulam-se e confrontam-se, em amplos pactos, grupos de origens e classes distintas (SOUZA, 2001). Grupos que constroem vínculos afetivos e políticos-ideológicos, que promovem “...a vivência coletiva em torno de movimentos que levam à projetos de emancipação, libertação, autonomia, solidariedade, justiça e equidade.”, voltada à construção de sujeitos sociais (PEDROSA, 2001, p.33). Grupos compromissados não somente com a mudança de atitudes e comportamentos, mas com a construção do sujeito-cidadão, num processo de interação e de encontro e afirmação de sujeitos (ASSIS, 2001, PEDROSA, 2001). A dimensão coletiva, criada a partir das condições de vida das pessoas, distingue claramente a educação popular em saúde transformadora desses grupos, das propostas alternativas individualizantes da classe média (VALLA, 2001). Este ponto de partida requer uma interpretação e uma compreensão não só das condições e experiências de vida e da ação política da população, mas também, conjuntamente, uma clareza das representações e visões de mundo dessa população (VALLA, 1998). Trata-se de reconhecer que os saberes são construídos diferentemente, e quando da interação entre sujeitos, estes possam ser compartilhados, e não, hierarquizados (CARVALHO, ACIOLI e STOTZ, 2001).

As reflexões advindas dos processos de trabalho conjunto na perspectiva da educação popular têm trazido a tona, entre outras contribuições, o alerta sobre algumas armadilhas que podem por a perder o diálogo. Uma delas pode estar já no ponto de partida do trabalho conjunto. VALLA (1998) alerta que certos chamamentos à participação de grupos marginalizados por vezes partem do princípio de que a maioria da população encontra-se fora da sociedade. Esses grupos, porém, afirma o autor, não estão fora mas, dentro da sociedade, uma sociedade desigual. Uma outra armadilha está na análise de que esses grupos encontram-se nessa situação devido a sua ignorância e passividade. Para adentrar, precisariam ser

animados, esclarecidos. Essa análise é equivocada na medida que desconsidera tanto os movimentos e esforços de sobrevivência desses grupos quanto sua rigorosa avaliação da situação e das possibilidades de resultados das suas ações. A inserção de pessoas da academia ou dos serviços em outras comunidades significa de um lado, juntar-se à ela, tomar parte da sua vida e de outro, ser por ela admitido. Isto não significa se deixar anular, desfigurando seu papel e sua identidade, mas os enriquecendo e diversificando (OLIVEIRA E SILVA, 1999).

Com histórias de vida e condições materiais de existência diferentes, como comunidades distintas poderiam compartilhar conhecimentos, estabelecer o diálogo e transformar? Há necessidade de um tipo de investigação

...a envolver profissionais e classes populares, pois trata-se de descobrir a “ponte” que permite chegar a construção desigual do conhecimento...É necessário completar uma equação capenga que, freqüentemente, inclui apenas uma das partes do conhecimento, o mediador ... Será que novos olhares sobre a mediação entre profissionais e as classes populares incentivam novas buscas? (VALLA, 1998, p.12-13).

A postura do profissional é essencial para esse diálogo, mais do que questões técnicas ou de linguagem (VALLA, 1998). Postura que pode ser determinada pela dificuldade em aceitar que pessoas das classes populares sejam sujeitos do conhecimento e sujeitos de experiência. Uma postura que propicie o diálogo pressupõe a visão do outro como sujeito, a compreensão de que os saberes da população “...são elaborados sobre experiência concreta, sobre vivências distintas daquelas do profissional”, portanto saberes apenas diferentes mas, não, inferiores (VALLA, 1998, p. 14).

O caminhar metodológico

Este estudo foi realizado junto ao ELOS- Núcleo de Estudos Locais em Saúde, da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FICRUZ), à Organização Não-Governamental CEPEL - Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina e à Organização Não-Governamental Sementinha – Serviços comunitários. Pessoas dessas 3 entidades/instituição vêm realizando projetos conjuntos na cidade do Rio de Janeiro, em especial na região da Leopoldina, há cerca de 5 anos, sendo que CEPEL e Sementinha, particularmente, os vem realizando há cerca de 10 anos. O estudo teve lugar no Rio de Janeiro entre os meses de outubro de 2002 e fevereiro de 2003.

Compreender os processos educativos presentes nas relações entre essas comunidades significou uma vivência diária, próxima, afetiva e comprometida. Esta constatação só foi possível estando presente neste espaço social de vivência e de estudos.

a) Conversas e entrevistas. Como procedimento metodológico central deste estudo previa-se as entrevistas semi-estruturadas com pessoas do Sementinha, ELOS e CEPEL. Porém, a convivência propiciou vários outros momentos em que pude precisar minha questão de pesquisa, contextualizar essas pessoas e seus grupos e construir o roteiro para essas entrevistas. Na convivência pude fazer minhas

observações. Nas conversas não havia um roteiro pré-determinado ou uma questão/ponto/assunto central sobre a qual se conversaria. Essas conversas eram trocas. Trocas de experiências, pontos de vista e percepções, aproximações entre pessoas e entre saberes e experiências. Algumas entrevistas abertas iniciais foram realizadas de modo a melhor apreender o contexto das entidades/instituição. As informações obtidas nessas entrevistas, nas observações, nas conversas, em reuniões e em leituras de documentos foram a base para o preparo do roteiro das entrevistas semi-estruturadas. Acrescente-se as contribuições do primeiro entrevistado, na sua primeira sessão de entrevista, as quais propiciaram uma revisão do roteiro inicialmente

b) Avaliação do Relatório Final pelas pessoas entrevistadas e coordenadores.

Conforme compromisso firmado com os participantes, foram enviadas cópias impressas do Relatório Final desta investigação para leitura pelos entrevistados e coordenadores do Sementinha, ELOS e CEPTEL que, a seu critério também o passariam para leitura por outros membros de seus grupos. De modo geral, os entrevistados fizeram anotações referentes a correções de nomes ou siglas, a complementações e revisões de suas falas e a revisões de minhas interpretações. As anotações variavam entre substituições, inclusões ou exclusões de palavras ou de frases, tendo ocorrido uma exclusão de todo um parágrafo relacionado ao relato de um caso. Não houve homogeneidade na quantidade de anotações ou mesmo no ponto em que elas foram feitas, de modo que as anotações feitas nos 3 exemplares, de certa forma, se complementaram.

Buscando o diálogo

A busca do diálogo está sendo tomada em dupla perspectiva: primeira, de busca do diálogo entre as falas das pessoas entrevistadas e, segunda, de expressão da busca de diálogo entre essas pessoas, instituições, entidades...entre saberes e sujeitos. Diálogo aqui entendido na perspectiva Freireana, portanto, diálogo entre sujeitos, constituindo-se ao mesmo tempo busca e processo de humanização, denúncia e anúncio. De cada entrevistado buscou-se encontrar elementos comuns aos demais sem que, no entanto, se encobrisse a diversidade e particularidade de cada um. Procurou-se, na análise dos dados, apreender a interpretação de mundo feita por estes sujeitos-no-mundo de modo a aproximar-se dos processos educativos presentes no educar-se - no mundo e entre si - e compreender como as diferentes visões de mundo e de conhecimento se cruzam,

entrecruzam, recriam e criam outras. As pessoas entrevistadas foram, pela ordem das entrevistas: Wellington (ELOS-FIOCRUZ); Carla (ONG-CEPEL) e Dna. Creusa (ONG-Sementinha)

O que nos põe em diálogo.

Neste ponto foi perguntado aos entrevistados, dentro de suas experiências e reflexões, o que apontariam como facilitador e/ou dificultador do diálogo. Além de haver essa pergunta específica, em outros momentos, por exemplo, ao falarem de suas experiências, os entrevistados também apontaram posturas e procedimentos, tanto pessoais quanto institucionais, que, no seu entender, propiciaram ou dificultaram o diálogo com o outro naquelas ocasiões. Nessa diversidade de experiências foram procurados indícios do que essas pessoas poderiam nos dizer sobre como se por em diálogo.

O convívio:

“Convívio”, essa é a palavra chave para ao diálogo. O convívio é tão vital que Wellington alerta que deve ser introduzido e explicitado na metodologia do trabalho. Deste modo, diz ele, o convívio “...passa a ser não apenas um dado da existência de quem faz a pesquisa, do pesquisador”, mas sim, o cerne do “fazer”, explicitado, experimentado, avaliado. Conviver é estar junto, olhar nos olhos, conversar frente à frente, como diz Dna Creusa:

Por que não tem coisa melhor...a gente pode até ser, atender o telefone, conversar pelo telefone mas, é muito difícil conversar pelo telefone e a gente ficar satisfeita, por que a gente olhando para a pessoa, a gente tem aquele prazer. Tem prazer de estar junto. Tem pessoa que não, um alô e já está satisfeito.

O convívio é a arte de se relacionar, diz Wellington, dá intensidade à relação, sabor ao fazer e gera afetividade e saber:

Eu sabia que eu ficaria muito querido delas e eu também teria muita querência por elas. E isso, além do gosto. Então eu quero dizer que então não é que a gente ‘ah, eu vou fazer isso, eu vou conviver, vou ter amor pelas pessoas para eu me aproveitar’ [...] Não, não é bem assim. É saber e sabor. É sabor e saber. O tempo todo.

Essa convivência, diz Wellington, é também

... paisagística, mesmo que não tenha muita gente na rua passando, as coisas foram feitas pelas pessoas, então eu estou passando pela pessoa nesse sentido. E a poética. Você vai entendendo a poética da vida e das pessoas.

Simpatia, confiança, humildade, sensibilidade, respeito - moedas para o convívio:

Para que aconteça o convívio, há algumas condições. No nível pessoal, todos concordam com a simpatia – aquela que nos põe em sintonia com o outro – e a sensibilidade, para que os outros gostem de estar junto, de estar por perto, de conversar. Para tanto, como já foi dito acima, é necessário gostar de estar lá, de conhecer pessoas, um gostar autêntico que coloca as pessoas em uma relação de confiança. Saber-se depositário dessa confiança, por sua vez, alimenta o “gostar”, diz Wellington “...quem lida com pessoas diferentes, quem lida com a público é você ..uma satisfação muito grande é saber que naquele momento a pessoa está confiando em você” . A confiança, segundo ele, é “a moeda do convívio”.

Falando sobre a confiança, Dna Creusa traz algumas reflexões sobre a falsidade e a mentira. Quem mente, diz ela, rouba a consciência do outro:

ele mentiu para a pessoa, [...] e quem é mentiroso é ladrão , ladrão de si próprio. Porque ele rouba a fidelidade dele na mentira. Por que eu posso dizer para você que eu faço tudo e não faço nada. Você não viu, você confiou em mim. O negócio é ter confiança na pessoa, e a pessoa ser de confiança para trabalhar junto. Tem que ter confiança e ter fidelidade.

É na convivência, diz ela, que se descobre em quem confiar e, na convivência, é possível verificar “... se aquela pessoa é sincera. Por que você procurou uma pessoa do movimento, mas no meio daquele mesmo você descobre que ele não era certo para aquilo que você estava querendo [...] Então, tem que estar no meio deles para você descobrir e ver que não é de confiança. Só na convivência a gente vai descobrindo.”

Na convivência é possível detectar a falsidade, diz ela. Perguntada sobre como se detecta a falsidade, responde “Não tem pessoa que não conheça a falsidade. Todo mundo conhece quando a pessoa é falsa”. É no estar juntos, “olhando para o olho do outro” que o principal sinal aparece “Não encara com a gente de jeito nenhum”. A mentira, diz ela, tem perna curta “ Por que a gente pode até dizer que está correndo tudo bem. Mas de uma hora para outra aparece lá, o que é que deu? Não estou vendo nada. Então, a mentira tem perna curta, não adianta mentir não”.

Dna Creusa acrescenta à confiança, a simplicidade que nos põe como iguais, a partir da aceitação das diferenças. Que faz com que todos se sentem e tenham espaço para falar e para ouvir. Sua ausência, diz, põe as pessoas falando sem sequer notar a presença do outro. Simplicidade não é uma pseudo-aceitação, muitas vezes contidas em falsas manifestações de apreço no encontro oportunista entre pessoas. A simplicidade autêntica permeia o fazer de quem a tem, uma simplicidade histórica, que antecede o encontro e, após ele, se mantém:

É, a melhor coisa que existe nas pessoas é a simplicidade, ser simples. Se a pessoa se apresenta com simplicidade, a gente conhece. Por que tem pessoas que se apresenta e nem é aquilo que ele se apresentou e ... com aquele orgulho, pessoas orgulhosas . Eles acha ‘eles são de comunidade, eu sou do centro, sou maior’. Mas, eles não podem , lá não tem maior, nem menor, as pessoas tem que se igualar, se igualar às pessoas. As pessoas podem ser o que for, mas ele aceitando as pessoas conforme eles são , eles também vão ser aceitos, por que tem pessoas que passam pelas comunidades, se apresentam numa comunidade e em vez de deixar saudades, as pessoas fica é com raiva deles. Por que foi muito orgulhoso... não se igualou.

Wellington também alerta para os oportunismos que levam a certas pesquisas nas quais o pesquisador se apresenta como alguém disposto ao diálogo. Porém, ao término da coleta de dados, o diálogo se vai juntamente com o pesquisador. Ele faz questão de frisar, que há pesquisadores que realmente são simples, sensíveis, mas se inserem em pesquisas que, metodologicamente, o “diálogo” termina com a coleta de

dados “...essa pesquisa, e não essa pessoa, essa pesquisa que ele está pode ser simplesmente uma pesquisa que vai lá pegou os dados e tchau e benção”.

Sensibilidade para as dinâmicas da comunidade, sensibilidade para ver, sentir a paisagem mas também enquanto desejo de entendê-la; um entendimento que vem ao longo do tempo, na convivência. A sensibilidade, diz Wellington

...leva você a entender coisas que você não entende num primeiro momento e jamais entenderia perguntando. Por exemplo, Na Vila do João¹ que eram todas casas meia-água, casas térreas, de meia-água, o conjunto original , e hoje em dia você encontra raras dessas casas originais, todas elas foram aumentadas, quase todas são pelo menos, dois andares. Então ao longo do tempo você fica se perguntando ‘com é que foi isso, por que que foi isso’, isso ao longo dos tempos, você olhando a paisagem , sentindo a paisagem , você vai percebendo por exemplo, que aquilo ali é o processo de acumulação, de poupança do trabalhadora, e você vê claramente que o trabalhador, ele poupa, ele vai aumentando o seu patrimônio, pouco à pouco, pouco à pouco. Qualquer coisinha que sobre do salário dele, ele vai ali e compra vinte tijolos, meio saquinho de cimento e acrescenta mais um pouco de parede e vai fazendo vai fazendo e assim a paisagem vai mudando.

A sensibilidade, diz ele, “... não é um dom. É um aprendizado da vida”. É necessário estar sempre atento pois, assim como se perde inteligência, também se perde sensibilidade. “São coisas que dependem de estar na luta , de estar na ativa, de estar, vamos dizer, exercitando”. A sensibilidade, não sendo dada, é um processo de aprendizagem. É na convivência que se constrói esse processo, esse desejo de entender. E as coisas vão se explicando ao longo do tempo, na medida das convivências.

Sensibilidade aliada à simplicidade colocam a pessoa em sintonia com a necessidade do outro e mais do que isso, muitas vezes colocam a sua própria necessidade sob avaliação e/ou em compasso de espera, como relata Carla:

...eu estou ajudando num encontro e eu cheguei na hora da organização e a demanda era lavar o chão, eu fui lavar o chão. Os meus amigos dizem: “Eu não acredito. Gente, tá imundo. O encontro tem que acontecer e o chão tá sujo. Cadê o rodo, a vassoura, o sabão?”. Então, é isso, é isso. Me interessam as informações que eles têm, as condições de vida deles. Me interessa pra gente pesquisar e juntar dados e publicar, tudo isso interessa. Mas naquele momento o chão estava sujo,

¹ Bairro vizinho à Fiocruz, onde o ELOS vem realizando trabalhos conjuntos com os moradores.

you are understanding? Let's clean up. Then, it's this sensitivity and this thing of being in service itself.

Além da sensibilidade aos problemas do outro, Carla aponta o respeito

by knowing the other [...] by the need of the other [...]. I go back to that question of the meeting in six months, that we are preparing with the population, and the people of the groups bring other things. They are hungry, and the banditry.... 'No, but the meeting that will be in July of the year that comes, let's see the agenda?'. This doesn't show respect. You are not listening. You want to prepare the meeting and want the help of them. But what they bring doesn't interest you. Do you understand? This type of posture doesn't form a bond, it doesn't make a bond. Because it is like this: it is the population in service of the NGO or the academy or of whoever it is....

O tempo do convívio:

O convívio requer flexibilidade de tempo, pois as pessoas convivem principalmente no final de semana. .

...when you introduce the convivio you have to have flexibility, you have to be available on Saturday and Sunday, at night. My history of convivio is in these hours: Saturday, Sunday, at night[...]. Always with much pleasure. (Wellington)

O tempo, o respeito pelo tempo do outro. Reconhecer as diferenças culturais, sociais e institucionais; conversar sobre os horários, fazer acordos. Caso contrário, as diferenças na forma de organizar o tempo pode dificultar ou até impedir o convívio, como alerta Carla:

...it's very easy for you to do a consultancy in the office: 'No, I'm here open, come and let's meet. Now, I work from nine to five, come at ten and four and a half and we'll have to go out because finally

de contas eu tenho outros compromissos, já estou saindo.’ Justamente no horário em que as pessoas que precisam sobreviver estão trabalhando. Tão produzindo. E cinco horas estão trabalhando ainda. Contribuir com a população assim, é um pouco complicado. Nem todo mundo vem, nem todo mundo pode.

Um tempo no qual também é organizado o serviço de saúde, que “...em geral funciona no mesmo horário de trabalho de quem está no mercado formal”. A organização do serviço é uma pedreira a ser quebrada, diz Wellington, para que se possa fazer um trabalho de participação popular.

Reorganizar o tempo para que o convívio se realize, ser flexível, é uma atitude que não é reconhecida institucionalmente, diz Wellington, referindo-se a instituição acadêmica.

A instituição não reconhece. Se alguma coisa me acontecer em consequência do meu trabalho, como eu já fiz aqui na Vila do João, noturno, dando aula de matemática em curso de alfabetização de adultos mas, procurando entender o imaginário dessas pessoas em relação à uma série de questões. Então, eu estava lá, convivendo, é o meu gosto, mas estava lá à trabalho. Se alguma coisa me acontece nesse horário que possa ser consequência desse trabalho, se eu me acidento por exemplo, a instituição não reconhece, claro que não. Que eu estou fora do meu expediente.

Assim, o que seria uma opção profissional, além de pessoal, é vista como exclusivamente pessoal.

Compromisso:

Falando sobre o tempo, diz Dna Creusa “tempo é preferência”. Conversar sobre o tempo sempre é possível “Não é por causa do horário. Por que quando o horário não está bom a gente pode marcar horário”. O que falta, diz ela, é compromisso

Então, a gente marcamos uma reunião geral do ano inteiro que era para prestação de contas, foi semana passada, mas aí quando chegou no

horário da reunião, só tinha eu e a Catarina². [...]É falta de responsabilidade [...] Então, não atrapalha não. As pessoas não vem por que não quer.

Carla aponta que trabalhos coletivos exigem tempo para reuniões e participação nas atividades e, às vezes, exigem também recursos, como por exemplo, para o deslocamento. Dna Creusa pondera, neste ponto, que ressarcir as despesas com o deslocamento pode facilitar. Mas, novamente, diz ela, o ponto central é o compromisso. Referindo-se à localização do CEPEL, ela diz que atualmente ele está localizado mais centralmente para as pessoas de sua comunidade. No entanto,

...de primeiro a gente se reunia e eles iam para a nossa comunidade. Quando não era na comunidade era lá mesmo. Tinha o CEPEL lá em Olaria. Aí nós se deslocava para Olaria, mas nós vinha de pé mesmo. Nem de condução. Depois que eles vieram para cá, eles dão o dinheiro da condução para nós vim. Então não tem atrapalho, é central. A gente pega o ônibus na Penha e salta aqui, pega aqui salta na Penha. Não tem dificuldade por causa disso. Nem por causa do dinheiro, por que eles dão aquele vale-transporte.

Compromisso que pode levar a continuidade ou não de projetos. Se as pessoas têm compromissos assumidos mutuamente, devem expor quando acreditam que novos rumos devem ser tomados. Senão, os projetos simplesmente se esvaziam, às vezes sem se descobrir exatamente a razão por que, alerta Dna Creusa, “...as coisas para começar é difícil, mas para terminar é num instante termina.”

Justamente nesse conjunto de posturas e valores, mais pessoais do que institucionais, reside um dos principais motivadores à participação. Esses aspectos, diz Carla, é que fazem a referência para a participação em outros grupos, é esse “gostar do outro (que me valoriza)”, que leva à participação,

“Eu vou porque eu vou encontrar fulano e eu gosto dele. Eu gosto dele porque ele dá valor a gente, eu gosto dele porque ele ajuda a gente... Eu vou por causa dele”. As

² Membro do Sementinha.

peças não têm muita noção das instituições, não conseguem ver assim. Como ele me disse: “Carla, eu vou, mas vou por você.”.

Olhando nos olhos - o convívio metodológico:

O convívio possibilita aprendizagens mútuas, como diz Dna Creusa:

Eu acho que é necessário nós estar junto , por que nós sabemos de alguma coisa e eles sabem de muita coisa que pode passar para nós. Então, eles tem competência para nos ajudar a levar a tarefa da vida [...] eles também precisam saber alguma coisa de nós. Nós saber deles e eles saber de nós.

Muitas pessoas das comunidades gostam de receber a visita do pesquisador, assim, o contato pode não ser difícil. No entanto, ir à campo apenas para obter dados, diz Wellington, “ não é convívio, é uma visita”. O convívio pode trazer aos que nele se encontram uma visão mais clara do outro, pois é nesse convívio que as pessoas se posicionam politicamente. As pessoas, diz ele,

...se colocam sempre – não de forma mentirosa ou querendo enganar os outros e isso é um dado da realidade, da realidade política – de acordo com o lugar e com quem se fala, todos nós nos colocamos de maneira diferente [...] Se você [...] está pesquisando pessoas da população [...] a pessoa pode estar sabendo do seu assunto e pode responder para você de acordo com o que você queira escutar.

Ou “...se ela não tiver simpatia pelo pesquisador, ela pode responder exatamente o oposto”. Houve a conversa, mas uma conversa sem convívio, ou como ele disse, a conversa que foi “uma rápida visita”. “O convívio enquanto categoria metodológica, introduzido na metodologia”, destaca Wellington, pode dar ao pesquisador uma maior clareza e até um certo controle sobre os posicionamentos políticos. O convívio não apenas como dado mas, enquanto metodologia pode ser extremamente rico. Nele, as pessoas se colocam abertamente e o conhecimento é mais

autêntico. Como diz Wellington, do ponto de vista do pesquisador, o convívio permite “observar de camarote ... por que estou ali, e elas estão abertas para mim, como eu estou aberto para elas. Então eu vou aprender muita coisa”.

Nem sempre o convívio acontece circunscrito exclusivamente àquele trabalho particular que está sendo desenvolvido. Há outros espaços e ocasiões de convívio, como por exemplo, atividades/eventos na comunidade. O grupo de Wellington respondeu à demanda da comunidade por um curso de alfabetização, pois estar nesse curso na comunidade também significaria um convívio mais intenso, geração de afeto e vínculos. Sempre tendo em mente o “saber-sabor / sabor-saber”, ele conclui que esse convívio além de atender à demanda e propiciar que ele ficasse “...muito querido delas e eu também teria muita querência por elas. E isso, além do gosto de estar ali.”, também permitiu ampliar sua compreensão sobre aquela comunidade inclusive para o trabalho sobre saúde que estava desenvolvendo.

Carla nos alerta que conviver, conversar, reunir-se pode não ser visto por todos os que participam como uma contribuição à solução dos problemas daquela comunidade

nem todo mundo quer e respeita esse tipo de contribuição. Tem muitas pessoas que me dizem: “Ah, Carla, blá blá blá. O que, mais reunião? O quê? Vou perder meu tempo, vou lá, reunião de novo? Não acontece nada. A gente volta pra casa e está tudo do mesmo jeito. Pra que tanta reunião? Reunião pra quê? Pra eles fazerem relatório, pra publicar livro? Não, tô fora.”.

Para ter a vivência da e na comunidade, não sendo da comunidade, diz Dna Creusa, é necessário penetrar na comunidade, pesquisar, estar lá pessoalmente. Não basta, diz ela, mandar alguém pesquisar, por exemplo, os alunos, até por que “se o aluno dele viesse com uma coisa diferente”, o pesquisador saberia “por que ele foi lá e ele sabe e o negócio não é a pessoa ficar de longe, é ficar perto [...] para conhecer, para ver o que está precisando lá”. Estando perto, somente assim, diz ela, é possível “pesquisar o olhar” do outro, conhecê-lo. Com ela, concorda Wellington,

Hoje em dia, o pesquisador-mor manda o pesquisador encarregado, que manda seus auxiliares para campo e o pesquisador-mor, afinal, pega os dados pelo computador e vai fazer epidemiologia. Aí eu acho que se perde muita coisa. Se perde a paisagem, se perde o saber das pessoas. Se perde muita, muita coisa. Nem sabe o que se perde. Eles nem sabem. Além do prazer de fazer a coisa em campo, por que aí justamente, se volta a encontrar aquela historinha da palavra grega: saber, sabor, quer

dizer, com o convívio você tem mais saber e tem o sabor. E uma coisa potencializa a outra, saboreia a outra ou sabe mais a outra.

Carla concorda, acrescenta que “estar junto com a população” permite pensar políticas públicas condizentes com o que cotidianamente aflige as pessoas.

Observar e conversar, duas atitudes preciosas para o aprendizado sobre o outro e que só podem ser desenvolvidas, segundo Dna Creusa, praticando-as.

Observa, tem pessoa que de longe já está vendo as coisas. Está observando, tá vendo. Ninguém nasceu aprendido, sabendo, a gente aprendeu depois, com a vida mesmo. A gente só anda, andando, aprende a andar, andando. Aprende a falar, falando. E aprende a observar... [...] Então, a pessoa que vai na comunidade não precisa nem da gente ensinar, eles estão vendo, eles estão aprendendo por eles mesmos.

A observação propicia ver, diz ela. Porém, para que algumas coisas sejam vistas é necessário lançar mão de outro olhar, o olhar espiritual. Este exige, muitas vezes, que aquele olhar, físico, seja posto de lado. Aqui, não é na aparência e, sim, na vivência que se vê aquilo que se está buscando ver.

A partir da observação, feita na vivência, vêm os estranhamentos, os questionamentos, as perguntas, as quais devem sempre ser postas,

Então a pessoa observa e aí, as vezes a gente observa uma coisa, pensou uma coisa errada, então vai e pergunta, ‘isso é assim e assim?’. Não custa nada. Não custa nada a pessoa querer saber [...] Por que as vezes...cada cabeça tem um pensamento. E o meu pensamento não é o seu. O seu pensamento é outro. Mas, quando você pergunta, aí pode ser que os seus pensamentos se encaixe com o da pessoa, com a resposta que a pessoa vai te dar. É bom. É procurando as coisas que a gente encontra.

À quem perguntar quando surgem os estranhamentos, as dúvidas? Novamente é na convivência que vem as respostas, pois, diz ela, a pergunta deve ser posta à quem é do lugar. Mesmo que haja discordâncias quanto ao trabalho que está sendo realizado, é na conversa que elas aparecem. Assim como as perguntas, a curiosidade deve ser explicitada, ser posta à vista, a curiosidade que vem do interesse em

aprender. Sem as conversas corre-se o risco do trabalho esvanecer-se sem que se saiba por que. Mas, as discordâncias devem ser avaliadas com cuidado pois “no meio de muitos, tem alguns que não estão com o pensamento bom” .

Considerações finais

As pessoas que participaram deste estudo percebem com clareza as diferenças entre seus grupos, dadas pelas questões econômicas e sociais e também pelas de escolaridade. Essas diferenças aparecem nas percepções de tempo e de espaço, nas percepções de mundo e dos modos de nele viver e sobreviver. Nas suas relações os caminhos se cruzam, conhecimentos construídos em trajetórias diversas se encontram, e a convivência política propicia que os espaços fronteiros entre eles não apenas se constituam em espaços de igualdades na diversidade mas, também, que sejam espaços flexíveis que, em cada movimento para o outro, se alarguem e onde a igualdade no “ser humano” e a humanidade sejam resgatadas.

Convívio, palavra-chave para o diálogo com o outro grupo. Para além das circunstâncias que, em suas histórias pessoais, os põem em diálogo com o outro, eles nos dizem que aprenderam que essa arte de se relacionar chamada “convívio” – o estar junto, o olhar nos olhos, conversar frente-à-frente - é vital para que o diálogo ocorra. Conviver se aprende convivendo e para essa convivência há algumas moedas: simpatia, confiança, humildade, sensibilidade, respeito, flexibilidade em relação aos tempos.

Ir para comunidades nesta perspectiva pode trazer ganhos coletivos e aprendizagens mútuas. Para o pesquisador, uma ampliação da compreensão da realidade, dando à sua pesquisa novos sentidos e a eloquência de quem viveu os frios números das estatísticas. Os dados obtidos na participação podem, inclusive, contestar essas estatísticas e mesmo os conceitos anteriormente adotados no trabalho. A participação é dada pela convivência e deve ser prevista nas metodologias dos trabalhos com comunidades. Conviver é mais do que visitar e não é algo que possa ser delegado, requer um envolvimento pessoal, observando, perguntando e conversando. Essa convivência pode trazer maior confiabilidade a pesquisa pois é nela que os posicionamentos políticos se clarificarão e as pessoas poderão se colocar abertamente. Apenas olhando para o outro e com ele convivendo é que se pode detectar as posições políticas que atravessam os depoimentos, as conversas e as informações sobre dada realidade. A convivência permitirá perceber o que cotidianamente aflige as pessoas repensando o trabalho coletivo e pensando políticas públicas mais condizentes com a concretude do cotidiano. E, aos poucos, conhecer e se fazer conhecer.

Ponto de partida e de chegada de trabalhos comunitários é o compromisso ético e social. Um compromisso que leva a pensar os trabalhos na perspectiva de melhoria da qualidade de vida das pessoas. Nesta perspectiva o retorno à comunidade dos ganhos ou resultados do trabalho não se dá exclusivamente no terreno do compartilhamento de informações. Antes e além disso, se dá na efetiva contribuição social. Sendo assim, a contribuição não deve ser prevista apenas na justificativa do trabalho, mas também na sua metodologia. Contribuição que deve ser posta com clareza para os grupos com os quais se trabalha e que não é unilateral.

Quando se realiza trabalhos na busca do diálogo com o outro aprende-se a convivência e com ela, aprende-se sobre o outro e sobre si mesmo, a gostar de si e da vida. Aprende-se pessoalmente e profissionalmente, com isto ganha a pessoa que convive e ganha o conhecimento que se produz. Aprende-se, essencialmente, sobre humanidade e que, como seres humanos, somos ricamente diversos e iguais.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Monica. Uma nova sensibilidade nas práticas de saúde. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo :Hucitec, 2001. p.36-38
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação popular na área da Saúde. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo :Hucitec, 2001. p.21-26.
- CARVALHO, Maria Alice Pessanha; ACIOLI, Sonia; STOTZ, Eduardo Navarro. O processo de construção compartilhada do conhecimento. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo :Hucitec, 2001. p.101-114.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação.3^a ed. São Paulo:Moraes, 1980, 101p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184p.
- OLIVEIRA, M. Waldenez; SILVA, Petronilha B. G. **Agentes Educacionais em comunidades**: processos de interação, integração e educação. Trabalho apresentado na Reunião do Núcleo Educação para a Integração da Associação das Universidades do Grupo Montevideo. UNESCO, AUGM e UNER-Universidade Nacional de Entre Rios, Paraná, Argentina, março/1999. 5p.
- PEDROSA, José Ivo dos Santos. Educação popular, saúde, institucionalização: temas para debate. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo :Hucitec, 2001. p.33-35
- SOUZA, Eliane S. Educação popular e saúde: cidadania compartilhada. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo :Hucitec, 2001.p.30-32.
- VALLA, Victor Vicente. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. **Cadernos de Saúde Pública**, 14(sup2):7-18, 1998.

VALLA, Victor Vicente. Globalização e saúde no Brasil: a busca da sobrevivência pelas classes populares via questão religiosa. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2001. p.39-62

VASCONCELOS, Eymard Mourão. Redefinindo as práticas de saúde a partir da educação popular nos serviços de saúde. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo :Hucitec, 2001a. p.11-19.

VASCONCELOS, Eymard Mourão (org.) **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2001b.